

# Porque nossa indústria açucareira não tem progredido como devia

**Octavio Valsechi**

Quando um leigo tem ensejo de fazer, pela primeira vez, uma visita a uma usina de açúcar, sua impressão é, geralmente de admiração, o que é muito natural, uma vez que, por pequena que seja esta imobiliza sempre um capital, relativamente vultoso, em maquinario complexo e variado. Entretanto, ao técnico, já familiarizado com esta indústria e conhecedor daquilo que de mais moderno lhe é aplicável, esta impressão nem sempre se repete. Aliás, no Brasil, estas oportunidades não são muito comuns, porquanto, pode-se dizer, não estamos, como devíamos, caminhando pari-passu" com os centros mais avançados. Grande parte de nossas usinas não passa de meros "engenhos" com um amontoado de ferros velhos; outra parte se possui maquinária relativamente moderna não trabalha com a eficiência devida. Apenas uma pequena minoria esforça-se por atingir o razoável, conseguido nos centros açucareiros mais adiantados, como os de Hawaii, Java, Queensland, Cuba e Filipinas, para somente citar êstes. Entre nós, são raras as usinas que alc.çam às vezes, 90 a 91% de extração, podendo-se dizer que a média oscila entre 75 e 80%, enquanto que, em regiões açucareiras mais adiantadas, 93% é considerada medíocre, senão, má, o que pode ser objetivado com os números abaixo:

Regiões	Extração
Hawaii .....	97,35%
Java .....	94,70%
Queensland .....	94,55%
Cuba .....	93,89%
Filipinas .....	93,56%

C que acabamos de expôr para uma das fases da fabricação, que é a extração da sacarose na moagem, repete-se, sem dúvida, para as outras. E porque isto tem acontecido conosco ?

Falta de inteligência ou de capacidade de trabalho ? Não acreditamos nem em uma e nem em outra razão. Acreditamos, isto sim, num complexo de causas, que se entrosam profundamente. Porém, uma separação cuidadosa e paciente nos evidenciará o seu "pivot", que pode ser caracterizado como sendo "grande margem de lucros". A nossa acertiva pode ser facilmente comprovada se compararmos aquêles centros açucareiros antes citados, com o Brasil. É que naqueles, por motivos vários, êste fator é mínimo, obrigando o usineiro a esforços inauditos, visando sempre, um crescente aumento de recuperação econômica, para poder sobreviver. Aliás, todo mundo sabe que a necessidade gera sempre progresso. E, é por esta razão que lá, qualquer inovação é sempre bem vista e experimentada para uma comprovação cuidadosa. Aqui, isto já não se dá. Ao nosso usineiro, praticamente não interessa o aumento de alguns milhares de cruzeiros ao seu "superavit", a trôco de muita dor de cabeça e de longas noites de vigília. Ele já as tem de sobra com a natureza própria de seu trabalho, além das que lhes oferece, gratuitamente, **grande parte de nosso braço** operário...

Agora, compare-se, dentro de nosso país, o Sul com o Norte. Nos Estados dêste, devido à obrigatória limitação de área de plantio da cana, ao inóspito do clima e da terra, às dificuldades de transporte e de braço operário, etc., o custo da

matéria prima é, praticamente o dôbro da do Sul, obrigando o usineiro a aproveitar com mais insistência, as chances que se lhes apresentam, para uma maior recuperação dentro da Usina.

Corroborando com esta causa — alta margem de lucros —, outras bem significativas podem ser citadas, como as que seguem :

1) **Longa distância dos centros produtores de maquinário especializado** : — Por falta de indústria pesada, pouco ou quase nada fabricamos de material especializado para a indústria açucareira. Temos tido necessidade de importar, o que nem sempre é fácil, além do encarecimento consequente. Se tivéssemos possibilidade de fabricar material nacional, similar ao estrangeiro e a baixo custo, sem dúvida, a renovação paulatina e sistemática de nossas usinas, seria consequência lógica.

2) **Falta de técnicos e de operários especializados** : — Uma organização sem técnicos e com falta de mão de obra especializada, tem muita dificuldade em progredir. E, infelizmente, em nosso país, o número de ambos é mais ou menos reduzido, principalmente por falta de Escolas Profissionais. Para agravar, ainda mais, o mal, a grande parte das usinas que possui técnicos no seu contrôle tem-nos apenas como uma bela figura de retórica. Tanto faz que as análises revelem boa ou má eficiência de determinadas máquinas ou de determinadas fases da fabricação : tudo continua do mesmo modo, sem a menor tentativa de modificação.

Aos que não seguem êste caminho, em que o "laisse faire" impera, os resultados têm sido muito outros, como acontece, por exemplo com as Usinas **Leão** (Estado de Alagoas) e **BARREIROS** (Estado de Pernambuco) que são, na minha opinião, das melhores e mais eficientes do Brasil.

3.º) **Englobamento, dentro de uma única organização, da usina pròpriamente dita de açúcar, da refinaria e de fabricação de álcool** : — A indústria de fabricação do açúcar é extremamente complexa, exigindo de quem a dirige, uma grande soma de conhecimentos técnicos : a física, físico-química, química e a mecânica especializadas devem ser-lhe familiares. O mesmo acontece em relação à refinação e à produção de álcool, que exigem, por seu turno, conhecimentos quase sempre completamente diversos.

Note-se, por exemplo, o que se dá fora de nosso país. Cada uma desses 3 indústrias é completamente separada da outra : ao usineiro compete, exclusivamente fabricar açúcar bruto que será vendido às refinarias que se incumbirão de sua purificação, enquanto que o mel final, que é um sub produto da fabricação é enviado aos que irão transformá-lo, o mais das vezes, por fermentação, em álcool, acetona, ácido butírico, cítrico, etc. Há, portanto uma especialização de trabalho que induz a uma técnica mais aprimorada da qual resultará maiores rendimentos econômicos.

A indústria açucareira, financeiramente é, ainda, uma das mais prósperas do país. Não nos esqueçamos, porém, que esta prosperidade assenta-se, principalmente, na alta cotação de seu produto. Entretanto, agora que numa fase de superprodução, ameaça abarrotar e superlotar nosso mercado interno, se por um motivo qualquer a sua política de proteção deixar de existir ou, se houver uma concorrência do produtor estrangeiro, não tenhamos dúvidas, de que a sorte dessa tão importante indústria, passará a ser das não muito invejadas. É bom que se frise que em épocas normais, Hawaii, Java ou Cuba, seriam capazes, se o permitíssemos, de colocar aqui o seu produto a uma cotação muito inferior à do nosso.